



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

YURI MAX ARAÚJO TAVARES DE FARIAS

SOBRE CIÚME E SWING: QUANDO TRÊS NÃO SÃO DEMAIS

CAMPINA GRANDE – PB
2012

YURI MAX ARAÚJO TAVARES DE FARIAS

SOBRE CIÚME E SWING: QUANDO TRÊS NÃO SÃO DEMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F224s Farias, Yuri Max Araújo Tavares de.
Sobre ciúme e swing [manuscrito]: quando três não
são demais. / Yuri Max Araújo Tavares de Farias. –
2012.
26 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e Sociais
Aplicadas, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira
Gaudêncio, Departamento de Psicologia”.

1. Ciúme. 2. Swing. 3. Troca de casal. 4. Psicanálise.
I. Título.


21. ed. CDD 150.195

YURI MAX ARAÚJO TAVARES DE FARIAS

SOBRE CIÚME E SWING: QUANDO TRÊS NÃO SÃO DE MAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em 10/07/2012.



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientador



Prof.ª Dr. Jailma Souto / UEPB
Examinadora



Prof. Dr. Jorge Dellane / UEPB
Examinador

SOBRE CIÚME E SWING: QUANDO TRÊS NÃO SÃO DEMAIS

FARIAS, Yuri Max A. T.¹

RESUMO

Devido à monogamia ser um padrão social, aceito como natural por grande parte da população, bem como o sentimento de ciúme costuma ser entendido como derivado do amor, ou seja, expressão indireta desse, e devido às reações mais enérgicas acontecerem em nome deste sentimento, sendo responsável por grande parte dos divórcios e conflitos conjugais, algumas vezes até mesmo por assassinatos passionais. O estudo do ciúme e suas manifestações se fazem importantes. E visto que seus altos níveis causam as referidas consequências, a presente pesquisa objetivou compreender a aparente ausência deste sentimento nas relações *swingers*, como se deu a inserção do casal nesse estilo de vida, e buscou identificar a existência de fatores que influenciem, possibilitem, ou mesmo, incitem a inserção neste tipo de relacionamento. A metodologia utilizada foi do tipo exploratória, qualitativa, com revisão literária analisada sob os moldes da teoria psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: Ciúme. Swing. Sexo. Troca de casal. Psicanálise.

ABSTRACT

Due to monogamy is a social standard, accepted as natural by most of the population, and the feeling of jealousy is often understood as a derivative of love, or indirect expression of this and due to stronger reactions occur on behalf of this feeling, being responsible for much of divorces and marital conflicts, sometimes even by passion killings. The study of jealousy and its manifestations become important. And whereas their high levels cause these consequences, this research aimed to understand the apparent absence of this feeling in swinger relationships, how was the insertion of couples into this lifestyle, and sought to identify the existence of factors that influence, enable, or even, incite the inclusion in this type of relationship. The methodology used was exploratory, qualitative, with review of the literature and analyzed under the terms of the psychoanalytic theory.

KEY WORDS: Jealousy. Swing. Sex. Wife Swapping. Psicanálise.

¹ Estudante de graduação em psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: yurimax.atf@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que é ciúme? Qual sua função? Por que se tem ciúme? Porque alguns não o sentem? A sua ausência é prejudicial? Estas são perguntas frequentes acerca do tema, perguntas para as quais as respostas ainda são pouco precisas.

O ciúme é um sentimento que dificilmente não se faz presente em algum momento da vida, muitas vezes se manifestando com frequência e grande intensidade. Muito mencionado nos consultórios de psicoterapia para casal e presente em grande parte dos relacionamentos amorosos, sendo também tema recorrente de matérias nos mais diversos meios midiáticos, o ciúme desperta curiosidade não apenas pela sua presença marcante em distintas fases da vida pelos motivos mais diversos, como, também, por vezes ainda mais, quando se trata de sua aparente ausência e as práticas sexuais pouco habituais que ele possibilita, fato que ocorre nas relações *swingers*, conhecidas popularmente como troca de casal.

Uma das formas mais utilizadas para conceituar o ciúme é como medo do abandono (PASINI, 2006; BLÉVIS, 2009). Santos (2003) nos diz que, etimologicamente, “ciúme” vem do termo latino *zelumen* que significa “zelo pelo outro” e costuma ser compreendido pelo senso comum como prova de amor, devido ao comportamento protetor e de apego por parte do enciumado, comportamento este que se costuma ter em relação àquilo por que se tem algum apreço e é de valor afetivo. Desse modo, usualmente em relações monogâmicas, quando um dos componentes do casal passa a não demonstrar ciúme em situações nas quais habitualmente este seria demonstrado, essa ausência passa a ser compreendida como ausência de amor e desejo, provocando uma baixa na autoestima, não raro chegando-se a considerar que há algo de errado consigo mesmo por supostamente não conseguir fazer com que seu parceiro(a) a(o) deseje, (BUSS, 2000; SANTOS, 2003). Entendido desta forma, o ciúme aparentemente não atua de forma habitual nas relações abertas, dentre as quais o *swing*.

A relação *swinger* é entendida como um tipo de união na qual há liberdade para práticas sexuais que costumam ser entendidas como impróprias, tais como a troca de parceiro com outro casal para fazer sexo. Há também casais *swingers* que aderem a outras práticas tais como o *ménage a trois* (sexo a três, o casal mais um convidado), *voyeurismo* (um dos componentes do casal observando o parceiro fazer sexo com um(a) convidado(a)), dentre outras. O que torna esse tipo de união ainda mais intrigante para grande número de pessoas é

que pesquisas¹ têm indicado que sua instauração tem implicado em altos níveis de satisfação conjugal quando comparados aos escores do mesmo teste aplicado a casais monogâmicos, ali sendo avaliados itens como amor, confiança mútua, respeito mútuo, filosofia de vida semelhante, valorização do divertimento e humor partilhados, interesses partilhados e interesses partilhados com os filhos (WEID, 2010; BÉRTOLO, 2009; FERNANDES, 2009, BERGSTRAND & WILLIAMS, 2000).

Em virtude das questões polêmicas que este tema costuma despertar, como usualmente ocorre com grande parte dos temas que envolvem sexualidade, além do pouco conhecimento que ainda se tem sobre as condições que possibilitam ou mesmo incitam a inserção de indivíduos neste tipo de relacionamento, sentimo-nos impelidos a investigar a existência de tais condições, quais são elas e como elas atuam na vida conjugal, notadamente no que tange ao ciúme entre seus praticantes, haja vista a quase ausência de pesquisas acadêmicas a respeito do tema.

2. A HISTÓRIA

2.1. De onde veio e quando surgiu

A origem da prática do *swing* é ainda pouco precisa, havendo entre os autores compreensão comum apenas quanto à localização onde a princípio mais se difundiu, não havendo possibilidade de se precisar de que forma ou em que momento teve início, pode-se inferir que em parte essa impossibilidade se deva à discriminação e preconceito em relação aos *swingers*, sendo prejudicial à vida social destes se revelarem como adeptos da prática. Sob tais condições, tratemos de indícios, os quais revelam os Estados Unidos como maior difusor da troca de casais, expandindo-se rapidamente daí para a Europa. Nos anos 50 e 60 havia uma prática similar, conhecida como *Wife Swapping (Troca de Noivas)*, que costumava acontecer em bases militares da Califórnia, chamados *key clubs*, literalmente “clube de chaves”, assim denominados pela atividade na qual os homens jogavam chaves formando uma pilha destas, pilha essa da qual mulheres retiravam uma chave ao acaso e passavam a noite com o dono da chave sorteada. Apenas na década de 70 o termo *Swing* passou a ser utilizado, desfazendo-se

¹ O teste aplicado foi o IMS – *Index of Marital Satisfaction* de Hudson (1992), também utilizado por Fernandes (2008).

da conotação dada ao *Wife Swapping*, vez que agora se tratava de uma decisão mútua entre marido e mulher, ou pelo menos assim se pretendia. Já na década de 80 surgiu o termo *The LifeStyle* na tentativa de livrar-se do estereótipo negativo atribuído ao *swing* pela mídia, termo que, no entanto, não se tornou tão popular internacionalmente quanto nos Estados Unidos. As estatísticas recentes indicam que há cerca de 5 milhões de praticantes no referido país. Na Europa o cálculo ainda não foi viabilizado, mas sabe-se que é o continente com mais clubes de *swing* (FERNANDES, 2008; BÉRTOLO, 2009, BERGSTRAND & WILLIAMS, 2000).

Bértolo (2009) nos conta ainda que o *swing* chegou a Portugal através de um casal de imigrantes ao retornarem dos Estados Unidos, na década de 60, a seu país de origem, passando a fazer amizade com dois casais dos quais se tornaram íntimos e passaram a fazer trocas de parceiros entre si. O número de casais envolvidos na prática foi aumentando aos poucos até abranger pessoas de profissões diversas, de comerciantes a advogados, ao passo que crescia também a desaprovação dessa prática pela população. Alguns anos após o início de sua difusão, já na década de 70, os casais *swingers* eram caracterizados essencialmente pela classe média-alta e, nos dias atuais, por pessoas das mais diversas classes econômicas.

No Brasil, a chegada do movimento *swinger* nos anos 70 se deu de forma similar a Portugal. Aqui tivemos, como fontes de difusão, casais vindos tanto dos Estados Unidos quanto da Europa, tendo a princípio, como foco, a região sudeste, mais especificamente Rio de Janeiro e São Paulo, expandindo-se aos poucos para outras regiões do País. Em 18 de agosto de 1981, nos anúncios classificados da Folha de S. Paulo, aparecia a primeira notícia de um clube de *swing* nos jornais brasileiros². Atualmente o país já conta com diversos clubes exclusivos para a prática da troca de casal e possui um evento nacional com a finalidade de reunir praticantes de todo o país. Evento que já tem sua 11ª edição marcada para 2012³.

Desde o princípio, à medida que aumentava a quantidade de adeptos e o alarde da sociedade conservadora, despertava também o interesse de pesquisadores, propiciando uma grande quantidade de pesquisas acadêmicas em diversos países acerca do tema, enquanto no Brasil as revistas masculinas tomavam a frente e não raro utilizavam como fonte estudos norte

² Cf. Uma história do swing no Brasil. Disponível em: <<http://venusclub.com.br/blog/?p=1818>>. Acesso em: 02 março 2012.

³ Disponível em: <www.swingclubbh.com.br/>. Acesso em: 08 maio 2012.

americanos, sendo as produções acadêmicas brasileiras voltadas para tal assunto bastante escassas até hoje⁴.

2.2. Influências e Antecedentes

A fim de compreendermos o processo de mudança que criou meios para que os relacionamentos abertos emergissem e se difundissem, é importante ter algum conhecimento sobre as convenções sociais e ideologias predominantes nesse curso. A respeito disso, saiba-se que era prática comum na cultura ocidental (bem como o é em ainda hoje em algumas culturas do oriente) relacionamentos serem ditados pelas famílias, visando à preservação das riquezas e do status, muitas vezes havendo necessidade de unir pessoas com estreito grau de parentesco para evitar a divisão da fortuna e das terras, prática esta ainda existente, sendo que praticada por um menor número de pessoas, como exemplo no Irã e alguns lugares da China. Nessa situação os interesses do casal são antes submetidos às imposições religiosas e aos interesses familiares, sociais e econômicos⁵. Essa situação se modificou, principalmente no ocidente, à medida que a burguesia crescia e tinha sucesso na comercialização de seus produtos, influenciando a ideia de amor romântico, na qual maridos e esposas eram vistos mais como parceiros num empreendimento emocional conjunto.

Outro ponto a ser mencionado se trata da massificação a distribuição das informações alcançadas com a revolução industrial, que mesmo não alcançando grande parte da população, permitiu o início de longos debates e investigações, a exemplo das pesquisas de Alfred Charles Kinsey, as quais revelaram que muitos comportamentos proibidos, tidos como perversões ou anormalidades, eram bastante comuns e praticados por vasta quantidade de pessoas. Lembremos também da Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud, a qual dera evidência à relação entre sexualidade e identidade, bem como os problemas daí advindos para a vida adulta, revelando aquilo que viria a ser confirmado pelas pesquisas de Kinsey: que os traços sexuais primitivos associados à perversão são comuns a todas as pessoas em maior ou menor grau. Tais estudos aos poucos foram se tornando públicos e modificando a opinião dos leigos. Essas discussões se faziam importantes para o momento por irem de encontro ao forte moralismo e pudor preponderante até então, em que a fidelidade e a castidade eram princípios

⁴ Cf. O início do swing. Disponível em: <<http://historiadoswing.wordpress.com/2011/07/07/o-inicio-do-swing/>>. Acesso em: 08 março 2012.

⁵ Cf. Sex Mundi – As Aventuras do Sexo: Somos Realmente Monógamos. Direção: David Valdehita. Produção: Carina Pardavila e Cheles Tordesillas. Canal Odissea, 2008. 44 min.

socialmente preservados, além de valores cristãos, portanto, defendidos pela igreja (GUIDDENS, 1993).

Percebe-se então o início da libertação sexual feminina juntamente a outras conquistas para o mesmo gênero no que tange à sua participação social e aquisição de direitos outrora restritos aos homens. Em sequencia, com base no movimento *hippie* que chegou ao ápice de popularidade por volta da década de 1960 que, no que tange ao amor, defendia a liberdade sexual e as relações amorosas longe de qualquer forma de controle institucional ou legal, sendo também contrário ao casamento, argumentando que este encorajaria a possessividade e a dependência emocional. Defendia-se, pois, o direito de exercer livremente a sexualidade da forma que se desejasse, seja por meio da monogamia, poligamia, relações homossexuais, celibato, ou quaisquer outras formas⁶. Pode-se compreender, pois, que o amor livre emergiu sob a influência do movimento *hippie*, distinguindo-se deste no sentido de não ir contra a instituição do casamento, mas tão somente do controle e da possessividade no relacionamento.

É importante perceber, porém, que o amor livre não subjogou o amor romântico, bem como o contrário também não ocorreu, de modo que ambos continuaram a existir em paralelo. Além destas duas configurações de amor, Guiddens (1993) ainda identificará um tipo de relação que foge aos padrões mencionados, o qual denomina de *amor confluyente*, definindo-o como ativo e contingente, esta última característica fazendo oposição à idealização da “alma gêmea” do amor romântico, ou seja, tem-se uma relação idealizada mais que uma pessoa idealizada, outra diferença encontra-se na igualdade de doação emocional e também a não exclusividade de relação entre gêneros opostos. Esse novo ideal de amor também põe o prazer sexual recíproco como cerne da relação conjugal, nesse caso a concepção de que mulheres querem amor e homens apenas sexo se encontra defasada.

Guiddens (1993) sugere que a “sociedade separada e divorciada” – termo por ele utilizado – emerge do amor confluyente. Pensamos, diferentemente dele, que tal sociedade toma forma já com o amor livre, visto que próximo a sua emergência foram criadas regulamentações para o divórcio, no caso do Brasil a Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977. Por outro lado, certamente o aumento exponencial de divórcios tem relação, em grande medida, com idealização da relação ainda existente no amor confluyente e as

⁶ Cf. Amor livre. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_livre>. Acesso em: 20 março 2012.

respectivas frustrações ao se deparar com a disparidade entre a idealização e a realidade, esta última a qual nos permitirá discorrer sobre o tema com base na psicanálise.

2.3.Culturas e Tradições

Claudio Blanc (2010), em seu livro “Uma breve história do sexo”, faz um apanhado sobre fatos e curiosidades sexuais de épocas diversas, que nos será particularmente interessante para mostrar como, apesar das ideologias e estereótipos traçados no curso da história, existiram outras formas de se relacionar e de manifestar a sexualidade. Blanc nos diz, com base em suas pesquisas, que entre algumas sociedades paleolíticas e ainda hoje, em algumas tribos indígenas das Américas e aborígenes da Índia, a promiscuidade era forma comum de relacionamento, ou seja, todos os membros da comunidade mantinham relações sexuais entre si, sem estabelecer vínculos permanentes. Outra situação mencionada pelo autor, que parece se aproximar mais da prática que hoje entendemos como *swing*, acontecia em algumas sociedades primitivas nas quais a troca de maridos ou esposas era comum e até desejada em certos casos. Entre os Inuítes – tribo esquimó do Canadá – é considerado um gesto de hospitalidade oferecer a esposa para manter relações sexuais com o visitante. A situação dos Inuítes diverge da dos aborígenes com relação aos vínculos, que para esses são fugazes e, para aqueles, mais duradouros ou mesmo permanentes. A liberdade sexual, entretanto, também se expressa por formas que não passam pela aparente ausência de ciúmes.

Não muito longe daqui, na região norte do Brasil, entre os Índios Yanomami, crianças e adolescentes praticam a sodomia com naturalidade, sendo inclusive um gesto de afeição praticado entre cunhados, primos de primeiro grau e também irmãos. Porém, o ciúme e tentativas de assassinato por motivos passionais não são raros, chegando a dividir clãs. Outra situação divergente do que se considera comum em nosso atual contexto social ocorria na Grécia: enquanto as mulheres costumavam ser mantidas confinadas em suas casas, não podendo sair desacompanhadas a lugares públicos, eram assim sujeitadas pelos homens a fim de garantir a procedência de sua prole, costume no qual facilmente se pode observar a ação do ciúme, esse também presente na cultura romana, sendo o cerne da regra pela qual o adultério, por parte da mulher, era punido com morte na arena para a diversão do público. Sendo assim, para evitar tais infortúnios, a prostituição era tida, para gregos e romanos, como necessária à segurança de suas esposas e à honra da família, visto que mediante o desejo voluptuoso os homens poderiam antes procurar as prostitutas às mulheres comprometidas.

A situação da ausência de comportamento ciumento e a presença do comportamento promíscuo, no sentido já referido, por vezes são apenas episódicos, ou seja, na maior parte do tempo da vida esse comportamento não se faz manifesto. Tal situação é assim compreendida por Freud em seu artigo *Psicologia das massas e análise do eu*:

É inteiramente concebível que a separação do ideal do ego do próprio ego não pode ser mantida por muito tempo, tendo de ser temporariamente desfeita. Em todas as renúncias e limitações impostas ao ego, uma infração periódica da proibição é a regra. Isso, na realidade, é demonstrado pela instituição dos festivais, que, na origem, nada mais eram do que excessos previstos em lei e que devem seu caráter alegre ao alívio que proporcionam (FREUD, 1921, p.141).

Freud, no texto acima referido, traz como exemplo as festividades Saturnais dos romanos, festividade em homenagem a Saturno, durante a qual era permitida ao povo a desobediência das leis e dos costumes, o que corresponde e inclui nosso carnaval. Sob essa ótica, talvez possamos analisar algumas festas de maior frequência e menor escala como exercendo o papel dos festivais, condição que é tornada possível precisamente pela vivência grupal da situação. Aqui me refiro à mesma obra de Freud, quando este fala que pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem que, isolado, pode ser um homem civilizado; numa multidão age pelo instinto, sendo sugestionado pela atração exercida pelo grupo como por um hipnotizador, sendo aquela mais forte devido ao reforço e reciprocidade entre os indivíduos.

3. OS PORQUÊS DO SEXO E DO CIÚME

Estudos embasados na psicologia do desenvolvimento, e auxiliados pelo relativamente recente exame de DNA, nos trazem novas informações acerca da finalidade do sexo e do ciúme. Inúmeras evidências de que a fidelidade no sentido de exclusividade de parceiro sexual como ocorre na monogamia deve ser dividida em dois conceitos, o que levou Barash & Lipton (2007) à definição de monogamia social dissociada de monogamia sexual. Justificando-se pela descoberta de que mesmo os poucos animais que eram considerados monógamos – apenas 10% das espécies – possuem cerca de 20% da sua ninhada proveniente de um progenitor que não pertence ao casal, ou seja, são fruto do que será chamado pelo referido autor de CEP (Cópula Extra Par). Obviamente, ao nos referirmos a animais, bem como ressaltam os autores, não estamos tratando de antecedentes históricos diretos, mas de

semelhanças baseadas em circunstâncias similares às vivenciadas pelos humanos. Sendo assim, cabe a objeção de que não necessariamente tendemos à infidelidade sexual, havendo a possibilidade de que os seres humanos façam parte de uma minoria que representa uma exceção. Porém as observações psicanalíticas vão de encontro a essa objeção, visto que a tendência à infidelidade já era reconhecida por Freud em seu artigo *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo*:

É fato da experiência cotidiana que a fidelidade, especialmente aquele seu grau exigido pelo matrimônio, só se mantém em face de tentações contínuas. Qualquer pessoa que negue essas tentações em si próprias sentirá, não obstante, sua pressão tão fortemente que ficará contente em utilizar um mecanismo inconsciente para mitigar sua situação (FREUD, 1922, p.238).

É justo por causa da tendência à infidelidade que o ciúme é facilmente desperto, por vezes a um nível passível de ser descrito como normal, quando composto por pesar e sofrimento pela perda do objeto amado e o sentimento de inimizade contra o rival bem-sucedido, acompanhado de autocritica que procura responsabilizar o próprio ego do sujeito pela perda, aqui entendido como uma reabertura da ferida narcísica. Mas não é por ser dito normal que tal ciúme deva ser considerado como completamente racional, embasado puramente em situações reais. Freud acresce ainda que, em certas pessoas, esse ciúme pode ser vivenciado bissexualmente, ou seja, o homem sofrerá pela mulher que ama e odiará seu rival, mas também sentirá pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher como sua rival (Ibid), circunstância essa, a qual pode ser fonte da explicação para a diversidade do comportamento em relação ao direcionamento da agressividade mediante à infidelidade, em relação ao amante ou à parceira infiel, bem como sobre o despertar, ou não, do desejo nessa ocasião.

O ciúme como catalisador do desejo, ao invés de algum sentimento aversivo, de raiva ou intriga, muitas vezes entra na lista de conselhos entre amigos quando reclamam da falta de atenção afetivo-sexual do cônjuge. Por analogia, vejamos algo que costuma ser observado no comportamento dos animais: não é rara a cena na qual o macho retorna ao ninho e percebe a presença de um macho estranho perto de sua morada ou em cortejo à sua fêmea, seguindo-se a reação imediata de expulsar o invasor e forçar a cópula com a fêmea, muitas vezes chegando a agredi-la. A explicação filogenética seria a constatação – já comprovada também por pesquisas de DNA – de que o último macho a liberar sêmen na fêmea é aquele com maior número de filhotes da ninhada (BARASH & LIPTON, 2007). Seria mera coincidência o aumento do desejo pela(o) parceira(o) proporcional aos indícios de traição ou demonstração

de desapego à relação? Ao ler a pergunta acima logo deve ocorrer à mente do leitor a objeção de que a reação que se tem à referida situação nem sempre é o desejo. A fim de esclarecer esse impasse, discorreremos sobre ele nos parágrafos seguintes.

Ao tomar por base os estudos de Barash & Lipton (2007) e Buss (2000) sobre o nível de ciúme e autoestima, descobrimos que quando um membro do par se sente menos atraente que o parceiro, a nível inconsciente compensa isso com comportamentos diversos como o aumento de carinho, atenção, e cuidado com os filhos, o que conseqüentemente pode levar à conclusão de que uma pessoa, sentindo-se inferior, sentira-se conseqüentemente inibida a se impor, fazer ameaças de abandono, ou mesmo romper a relação. Por outro lado em um par onde há compatibilidade entre autoestima e atratividade dos membros que o constituem, o parceiro pode ser largado, ou mesmo reciprocamente traído, mais facilmente.

Notadamente, ao falarmos de autoestima tratamos concomitantemente de narcisismo, isso que é, para Freud (1914), conceito-base para o entendimento do ciúme, o qual se apresenta constituído pelo ideal do ego representado no outro por transferência, ocasionando o sentimento de angústia⁷, quando na presença de uma situação compreendida como ameaçadora à relação, esta que, caso venha a ser rompida, provocará o sentimento de perda devido ao represamento da libido investida no objeto idealizado. No entanto, Freud (1920) em *Além do princípio do prazer*, nos diz que nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência do complexo de Édipo, o qual conduziu apenas ao desprazer, fazendo com que a situação se repita sob a pressão de uma compulsão. Disso podemos concluir que o sentimento de desejo, mediante indícios de traição, é uma repetição daquela situação primeira onde se possuía um rival, parecendo se repetir como uma forma de reescrever a história no sentido de não se deixar vencer pelo rival e, ao invés disso, reconquistar a amada que ameaçava se desprender.

Sendo assim, quanto ao despertar do desejo, podemos conjecturar que diferentes pessoas podem suportar diferentes comportamentos por parte do parceiro a depender de como a relação edípica marcou seu ego. Vez que, se o recalque fora muito intenso, haveria menos condições de reviver a cena na realidade; já quanto mais fraco o recalque, ou seja, quanto menos proibidor for o superego, mais provável se torna que o sujeito se permitiria ultrapassar a barreira das suspeitas e reencenar a cena original.

⁷ O conceito de angústia é aqui compreendido como após sua reformulação no artigo de Freud (1926): *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Ou seja, como alerta de perigo ao ego.

4. SOBRE O SWING

O *swing*, apesar de costumar evocar a ideia de completa liberdade sexual, possui também suas regras internas, uma espécie de código de conduta, o qual costuma ser resumido na frase lema dos *swingers*: “Tudo é permitido e nada é obrigatório”. Basicamente há duas classificações gerais quanto aos limites, o *soft swing*, no qual os casais apenas trocam carícias entre si, e o *full swap*, no qual ocorre sexo com penetração. Ou seja, tudo é permitido se a própria pessoa se permite e se houver consentimento do parceiro, de modo que uma relação extraconjugal da qual o parceiro não tenha conhecimento é tida como atitude desonesta, portanto, traição. Há ainda o corolário de que, ao buscar o *swing* à procura de sexo encontrar-se-á o que procura; ao buscar relações afetivas encontrar-se-á problema. Concretiza-se aí uma marcante dissociação entre amor e sexo, fazendo-se crucial a compreensão de ambos como separados, sendo o amor preservado apenas para o parceiro oficial, vez que o envolvimento sentimental, ou atitudes que possam ser interpretadas como tal, levam, de acordo com relatos, ao ciúme e ao respectivo desagrado por parte do parceiro (BÉRTOLO, 2009; WEID, 2006, BERGSTRAND & WILLIAMS, 2000). Verifica-se também que o parceiro está sempre presente na ocasião da relação extraconjugal, o que não pode deixar de ser percebido como situação análoga à guarda realizada pelos animais a fim de proteger a fêmea das investidas de garanhões (BÉRTOLO, 2009; FERNANDES, 2008). Leia-se tal regra na frase de um *swinger*: “não desejar a mulher (ou o homem) do próximo, quando o próximo não está próximo” (WEID, 2006).

Pesquisas constataram que as características mais referidas como essenciais para que um casal se torne *swinger* sem consequências negativas são: o baixo grau de ciúmes; gosto pela relação sexual aberta à experimentação de novas práticas sexuais; a existência de amor no casamento, gosto pela experimentação de novas práticas sexuais, o diálogo acerca das expectativas e o estabelecimento das regras dentro das quais o casal procederá (MORGADO, 2006 *apud* BÉRTOLO, 2009). Verificou-se também que as razões mais citadas pelos casais para praticarem o *swing* são: a variedade de experiências e parceiros sexuais; a oportunidade de viver um estilo de vida desviante, ou seja, a transgressão das normas sociais; o prazer de observar o parceiro praticar relação sexual com outrem; a aprendizagem de novas técnicas sensuais; a perda de inibições sexuais; a recuperação da juventude; aumento da autoestima; a possibilidade de se sentir atraente e desejado; e o aumento do interesse pelo parceiro (JENKS, 1998 *apud* BÉRTOLO, 2009).

Tais pesquisas traçam uma espécie de esboço do que seja o perfil do casal *swinger*, não provendo, entretanto, qualquer esclarecimento sobre o perfil psicológico dos cônjuges enquanto sujeitos dotados de passado e vivências emocionais particulares quais podem contribuir de forma diferenciada sobre o motivo que os guiou à participação em um relacionamento aberto. Nena e George O'Neil (1973) trazem em sua obra informações que chegam a montar quase que um manual de conduta ou um guia prático de como ter um relacionamento aberto, evidenciando os ganhos que se tem com a relação aberta e os problemas que se tem numa relação fechada, induzindo à percepção da relação aberta como menos conflituosa; o que concerne com as já mencionadas pesquisas que verificam maior satisfação conjugal nos casais *swingers* em relação aos escores alcançados no mesmo teste pelos casais monogâmicos.

Weid (2006), ao perguntar sobre o número de parceiros sexuais com que seus entrevistados já estiveram, descobriu que havia mulheres que, antes de conhecerem o marido tiveram apenas um parceiro sexual e depois de se iniciarem no *swing*, relacionaram-se com cerca de 30 homens, num período de quatro meses. Verificou também que a maioria das mulheres só teve até dois parceiros sexuais antes do casamento, e algumas perderam a virgindade com o atual companheiro. Se correlacionarmos tais informações com outros dados: – Na grande maioria dos casos o homem é que faz o convite à parceira para conhecer o *swing* (SWIGERSPORTUGAL, 2006 *apud* BÉRTOLO, 2009; FERNANDES, 2008); – Muitos relatos da primeira experiência que expressam a presença do ciúme feminino nas primeiras relações e a descrição desse período como muito difícil; – Quase todas as fotografias em sites de relacionamento são do corpo feminino (WEID, 2006).

Podemos deduzir que há o regimento de uma espécie de império masculino no qual a mulher se faz moeda de troca, ao mesmo passo que se satisfaz por ser posta em posição de adoração. Weid (2006) sugere ainda, que as mulheres têm como referência o desejo do marido e que talvez a satisfação delas esteja mais em serem desejadas por seus parceiros do que propriamente no desejo sexual pelo outro, de modo que o prazer estaria relacionado com a presença e o olhar do homem, configuração que satisfaria a fantasia histórica da prostituta, ou seja, da mulher desejada como “A mulher”, principalmente se levarmos em consideração uma das características mencionadas como razão para praticar o *swing*, qual seja, a de viver um estilo de vida desviante, transgredindo as regras sociais, o que se encaixa como traço de estrutura perversa, podendo, no entanto, também ser observado na neurose obsessiva e na histeria, havendo, porém, diferença no modo como se articula o desafio da transgressão.

Sendo o histérico, devido à sua ambiguidade quanto à identidade sexual, capaz de assumir mais facilmente o desejo, de perfil perverso, sendo, portanto, mais apto à transgressão por meios diversos, dentre os quais estão as encenações homossexuais, frequentes no *swing*, onde o bissexual feminino é valorizado. Sabendo-se ainda que o desafio histérico vise ao destronamento do outro como estratégia de reivindicação fálica, podemos interpretar que tal objetivo é alcançado quando na ocupação do papel de “cartão postal”, por meio do qual se faz possível atrair outros parceiros para a concretização da prática, tornando o encontro dependente da presença da mulher como convite, além de que a própria ostentação e adorno do corpo costuma ser comportamento nas históricas, sendo de seu agrado a oportunidade de mostrar seu valor por esse meio (DOR, 1991; WEID, 2006).

O homem *swinger* também parece aceder aos traços estruturais da histeria, buscando, em termos lacanianos, “ter o falo” por meio do domínio e da virilidade, tal como constatado por Weid (2006) ao analisar a forma de apresentação do homem nas fotos dos anúncios, que, quando eventualmente aparecem, estão a expor seu pênis ereto e a se vangloriar do porte deste, sendo o corpo masculino raramente exibido individualmente, como o é o da mulher, expondo-se em geral apenas no ato sexual, ocasião na qual se faz evidente o contraste entre a preocupação estética da mulher e o desleixo masculino, preocupado tão somente em dar mostras de seu potencial sexual. Saiba-se ainda desse império viril, que apenas o bi e homossexualismo feminino são bem vistos pela comunidade *swinger*, sendo a prática homossexual masculina ‘recriminada’. Muitas mulheres dizem, porém, não se sentirem homossexuais por estarem tendo relações com outras mulheres mais para satisfazerem o desejo do marido (WEID, 2006).

A distinção do investimento estético no próprio corpo entre o homem e a mulher torna claro o traço estrutural histérico, mais comumente presente nos homens, de se fazer valer pelo outro, tornando esse objeto uma espécie de “troféu”. Como forma dizer que “não é o pai quem tem o falo que completa a mãe, mas sim ele”. Joel Dor (1991) nos diz que quando a fantasia começa a tomar corpo na realidade, a exibição histérica – sintoma – se atenua. A essa assertiva deverá sobrevir ao leitor a seguinte questão: visto que no *swing* a fantasia toma corpo na realidade por meio do ato sexual extraconjugal, como pode a relação, sobretudo sintomática, se sustentar? Como o sintoma se trata fundamentalmente de uma construção imaginária, é aí que se encontra a resposta, ou seja, ainda que a castração possa tomar corpo por meio do desejo sexual declarado, do parceiro(a) por outras pessoas, ou mesmo por meio do próprio ato, em seu imaginário permanecem únicos e fiéis, pois, segundo dito pelos

próprios *swingers*: com os outros é apenas sexo, amor se faz com o companheiro (WEID, 2010).

A fidelidade existe então com diferente de aceção da compreensão popular, estando ligada apenas a gestos de cunho afetivo, esses quais, por serem de interpretação bastante subjetiva, são combinados entre cada casal a fim de evitar contragostos e aborrecimentos. É inclusive em tais acordos onde parece ser criada a sustentação imaginária, ponto onde entra a importância da comunicação: a construção conjunta do estatuto a ser cumprido. Sendo justamente pelo estabelecimento comum das normas que os cônjuges não correm o risco de se sentirem culpados, por saberem o que é ou não permitido. Perceba-se, pois, que não há de fato uma transgressão, afinal o sentimento de angústia continua a existir mediante a quebra das regras internas, assim, entendemos que o destronamento do outro não tomou corpo na realidade.

A julgar compreendida a estrutura psíquica concernente ao perfil geral dos casais *swingers*, configurando a prática como uma escolha sintomática, resta-nos ainda a questão sobre: o que neles divide o amor do sexo? Para respondermos tal questão retomemos alguns conceitos freudianos: há uma pressão contínua da *pulsão* sobre o *ego*, esse último a fim de recusar a percepção da realidade, deforma-se mediante a pressão pulsional de modo a tornar possível a coexistência não conflitiva de elementos incompatíveis entre si (AMP, 1995). Portanto, na estrutura histórica, em prol da homeostase, instaura-se uma ‘máscara-certeza’ – encenação – onde, outrora, houve algo que pudesse por à prova seu falo e denunciar sua castração. Essa transição é percebida quando observamos o relato dos *swingers* a respeito de seu início no novo estilo de vida. São comuns os relatos que mencionam a presença do ciúme nas primeiras experiências, e, mais particularmente ao discurso feminino, o choro e o sentimento de rejeição quando diante do convite do marido à participação na troca de casais. Em contrapartida, tais sentimentos acabam por serem, em alguma medida, superados, percebidos por uma lógica diferente, e o ciúme, ainda presente, sobressaindo-se como estimulante ao invés de depressor.

Retomemos à dita ocasião do convite: é facilmente identificável nas pesquisas sobre *swing*, que é o homem que costuma tomar a iniciativa de convidar a parceira (FERNANDES, 2008). Isso nos remete a outro traço da histeria concernente ao masculino qual seja o oferecimento de um grande amor, mas um amor de fachada, sendo o homem histérico incapaz de se engajar além da sedução, não conseguindo renunciar a ninguém, por querer receber o

amor de todos, tal como o pai da orda primeva de *Totem e tabu*⁸. Essa característica é visivelmente conflituosa com o estilo de vida monogâmico, e somado à típica indecisão e auto-sabotagem características da histeria, a rota a ser seguida seria a da *monogamia serial*, ou ainda o relacionamento, qual permitiria que diante da incerteza o histérico seguisse com seus ciclos de experimentação não necessitando sabotar a si para que um novo ciclo recomesse.

Podemos comparar esse padrão da vida amorosa e sexual com o que vemos atualmente em relação ao consumismo no mundo capitalista, onde há um ciclo de compra e descarte acompanhado de prazer fugaz seguido do retorno ao desprazer ao perceber que aquele objeto não era de fato o que poderia suprir a falta da qual emanava o desprazer. No caso dos relacionamentos há uma dupla denúncia à falta: a pulsão, para Freud (1923), está localizada entre a mente e o corpo, agindo por um fluxo incessante que quando bloqueado provoca tensão que deve ser descarregada. Sendo a pulsão constituída por duas correntes distintas, quais sejam: a do id (pulsão sexual) e a do ego (pulsão de autopreservação). Partindo dessa distinção, a falta pode ser percebida pela tensão de ambas as fontes, o que torna mais clara a já mencionada deformação do ego, pois, nem sempre essas energias têm um objetivo comum, haja vista que há situações nas quais a descarga da libido prejudica a autopreservação. Ora, a mãe representa para a criança objeto de satisfação para ambas as correntes até que haja a inserção da lei paterna denunciando o desejo da mãe e a passagem da questão do ser o falo ao ter o falo. Assim sendo, quando falamos de uma dupla denúncia à falta, dizemos sobre a perseverante incompletude do outro diante da construção imaginária ideal e irreal da mãe, que já fora percebida completa, atendendo à libido e à autopreservação simultaneamente.

Falamos até o momento da histeria e percebemos de que modo a posição de gozo dessa estrutura psíquica entra em conformidade com o estilo de vida *swinger*. Além da díade histérico-histérica, outra possibilidade de união possível estaria na díade perverso-perversa, configurando-se como uma cumplicidade libidinal recíproca a favor da transgressão da lei paterna, nesse caso representada pela própria norma social, tal como a cumplicidade libidinal da mãe para com o filho, em obliterar a lei paterna. Se na troca de casais o parceiro(a) se mostraria incompleto na medida em que desejaria um outro fora do casal, por outro lado, não há alguém mais completo do aquele que possui a todos. A questão dependeria, então, não

⁸ De acordo com Freud (1912-13), o pai da orda primeva todas as mulheres pertenciam ao pai, que era, portanto, invejado por seus filhos, acabando por ser assassinado por esses, tal como no mito do Édipo Rei.

simplesmente do desejo por um outro, mas do desejo desse outro que não deve se apresentar faltante, mas querendo chegar ao limite tal como o perverso, papel que, como vimos, pode ser incorporado por muitos indivíduos numa passagem ao ato episódica. Em tal circunstância, essa díade pouco provável, mas não impossível, torna-se, porém, tênue em sua sustentação visto que, por querer sustentar a própria lei como única, transformará essa relação num campo de batalha e o que determinará a sustentação da união será a não contrariedade ao que fora estabelecido por cada um como sendo a condição essencial para o gozo, como um fetiche.

Há, porém, um impasse quanto a essa conjectura, no que tange à perversão na mulher, vez que alguns teóricos, a concordar com Lacan, defendem sua possibilidade, enquanto outros discordam. Dada a complexidade teórica que perpassa tal questão, ainda não se chegou a um consenso, não nos cabendo, portanto, a tentativa de elucidá-la aqui, ainda que se possa deixar como reflexão para discussão futura a seguinte questão: se na perversão é-se capaz de negar o real da castração na mãe, denegando a lei paterna, por que a mulher não poderia negar a ausência do falo em seu próprio corpo?

Deixemos a questão em aberto e passemos à união entre histeria e neurose obsessiva, a qual, em tese, forma algo como uma completude sintomática, vez que o histérico possui como marca a insatisfação, e por, o outro, à prova da posse do falo, enquanto o obsessivo se doa por completo para preencher qualquer lacuna na satisfação do outro, a fim de ser propriamente o falo para esse outro insatisfeito. Ou seja, o obsessivo entraria no *swing* a convite do histérico, em busca de satisfazê-lo por meio da servidão completa, visto que qualquer perda em relação ao objeto, para o obsessivo, o remete à falha narcísica, ou seja, à castração. Fator que, inclusive, fará com que o obsessivo se mantenha na relação, mas com o revés do constante embate com a insatisfação de estar sempre a lutar por preencher esse outro sem o conseguir.

A considerar a predominante iniciativa masculina no convite à troca de casais, bem como o próprio papel do entregar-se ao *swing* para satisfazer o marido, face à disparidade estatística apontada por Fernandes (2008), e realizada junto a assinantes de sites de relacionamento para o público *swinger*: de 1386 participantes, 76% eram homens e apenas 24% mulheres. O que pode referendar menor interesse feminino pela prática do *swing*, minimizando assim seu anseio e disponibilidade em dar testemunho de sua prática, levando-nos à probabilidade de que a estrutura neurótica obsessiva concerna, sobretudo a um papel feminino.

Dadas as possibilidades de união sob a visão das estruturas clínicas psicanalíticas percebemos que o cerne da sustentação de quaisquer “combinações estruturais” está em se fazer único dentre tantos, a fim de reparar como for possível a ferida narcísica, que depende fundamentalmente do modo de gozo, ou seja, da percepção fantasmática construída a partir do mito infantil diante da lei paterna e da perda do objeto suposto completo: a mãe. Busca que se faz incessante, visto que essa completude de fato nunca existiu, sendo tão somente imaginária, não querendo o sujeito, seja neurótico ou perverso, nada saber de tal incompletude a que Lacan denomina Objeto(a) e Freud atribui a denominação de resto, o resto que sempre escapa e perpassa tempo e espaço por continentes, culturas e gerações (AMP, 1995).

Um dito comum dos *swingers* que até o momento nos escapou à menção fora o de que para entrar no *swing* é necessário um relacionamento forte, vez que a procura da troca de casais, quando em relacionamentos fragilizados, pode catalisar o desmanche da relação. Ora o próprio bom senso nos permite concordar com o dito, bastando-nos lembrar de que a ocasião da proposta é em geral impactante e leva a abalos emocionais e ao sentimento de desvalorização de si, necessitando de algum tempo para ser percebido de forma positiva, ou seja, não como uma desvalorização, mas como tentação que se sentia, da qual não se queria saber: a da atração sexual extraconjugal.

Tentação comum a todos e negada por muitos mediante mecanismos de defesa (FREUD, 1922). Pensamos que é a fim de trespassar tal mecanismo que os casais costumam evoluir vagarosamente por etapas, constatadas por Morgado (2006) *apud* Bértolo (2009) e expressa em sua *escala de Dionísio*: primeiramente por meio do sexo à distância via telefone, e-mail ou webcam; no segundo nível envolvendo-se presencialmente com um solteiro(a), geralmente solteira; no terceiro nível entrega-se ao *voyeurismo* ou a serem observados; no quarto nível envolve-se com outro casal num *soft swing*; no quinto nível o casal troca completamente de parceiros, o que é denominado de *full swap*; há ainda um sexto nível no qual os parceiros podem ter a sexualidade completamente independente, não necessitando se quer estarem sempre juntos. Morgado (2006) ressalta que a escala não é estanque e há casais que estão entre níveis ou que saltam níveis, no entanto, tendencialmente é essa a sequência seguida pela maioria. Uma estratégia frequente a fim de se iniciar na troca de casal se dá por meio de visitas a casas de *swing*, a princípio apenas para conhecer o ambiente, passando ao envolvimento com os outros casais apenas na medida em que o casal se sinta confortável.

Já reconhecemos que uma relação forte pode, não obstante, conter algum grau de insatisfação, acerca disso Perel (2007) esclarece que dificilmente o casal se percebe como agente da própria desgraça, considerando as dificuldades e a perda da sensação indescritível e quase mágica que se sentia no início da relação como de ordem emocional e quase impossível de reparar, pois o sentimento havia se perdido. Entretanto, a autora demonstra que, por meio da terapia de casal, os cônjuges acabam por perceber o desinvestimento na relação a que se lançaram, não raro tornando-se um desinteresse recíproco. Freud em *Mal-estar na civilização* nos diz que:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (FREUD, 1930, p.84).

Assertiva que nos permite compreender quão difícil é a manutenção da satisfação e o distanciamento da infelicidade. Acerca disso, Freud (ibid.) nos mostra dois caminhos possíveis mediante o sofrimento advindo dos relacionamentos humanos, quais sejam, o isolamento voluntário, uma “felicidade da quietude”, ou “com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana”. Para melhor compreensão, tomemos outra conclusão a que chega Freud na mesma obra, a de que “o sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado”. Freud sugere que talvez aí esteja posto o porquê da irresistibilidade dos instintos perversos e da atração geral pelas coisas proibidas, irresistibilidade essa que, vale salientar, expressa-se como motivo mais frequente na busca do estilo de vida *swinger*.

A respeito desse segundo modo de encarar o princípio do prazer: ativo, fugaz e cíclico porque insustentável. Perel (2007) nos diz da possibilidade de renovar a satisfação dentro da relação conjugal, não sendo a relação sexual extraconjugal ou a ruptura da relação e início de uma nova necessariamente as únicas alternativas. Em consonância com o pensamento de Freud recém-mencionado, a autora ressalta a associação da imprevisibilidade com o erotismo e a previsibilidade com o oposto. Previsibilidade é controle e a pulsão sexual precisa do oposto, de liberdade. Dá-se a entender, portanto, que quão mais longas as relações, mais

previsíveis e “menos pulsionais” elas se tornam, evitando com que se deixe levar pela emoção à transgressão das inibições habituais. A frase de Anthony Robbins *apud* Perel (2007) se encaixa muito bem aqui: “a paixão numa relação é proporcional ao grau de incerteza que você pode tolerar”. Portanto, recaímos novamente sobre a certeza e o narcisismo, vez que a incerteza da conquista do outro reabre a ferida narcísica da castração e, como pudemos ver, ao tratarmos das estruturas clínicas, quanto mais uma pessoa se sinta ameaçada à castração, mais tende a reparar a falha investindo na conquista. Como deixado bastante claro na psicanálise: se não há falta (incerteza), não há desejo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos fatores são responsáveis por determinar o que é tido como comportamento sexual socialmente aceitável ou não: perpassando nosso passado filogenético; condições de vida propiciadas pelo ambiente; a cultura que, por sua vez, exerce influência na dinâmica familiar, exercendo influência sobre o sujeito e sua estrutura psíquica. Assim sendo, nosso estudo sobre o ciúme e o *swing*, embasando-se principalmente na psicanálise, limita-se à análise das estruturas clínicas, partindo do modelo familiar da cultura em vigor na maior parte do Ocidente, qual seja, a família nuclear monogâmica como padrão, satisfazendo assim a abrangência proposta para o estudo.

Tornou-se claro que a força motriz que leva os casais à procura do *swing* concerne com o princípio do fluxo incessante da pulsão que reclama por um ideal inexistente, dada eventual insatisfação na relação conjugal. Disso podemos concluir, pois, que nos resta a constante manutenção episódica da felicidade ou algum meio de acúmulo de tensão seguido de intensa descarga; opção a qual, devido ao alívio repentino dessa tensão, se deve atribuir à “sensação quase mágica” tão almejada por aqueles que enfrentam a rotina. Tal estado de felicidade parece ser conseguido com a devida repetição e encarado como novidade pela manutenção do status proibitivo que tem tal modalidade de prática sexual em nossa sociedade, bem como pela diversificação de situações e parceiros.

Encontramos então algo da ordem da “necessidade da falta”, a qual se configura como cerne do que Nena e George O’Neil (1973) propõem em seu celebre livro *Casamento aberto*, qual seja, uma conduta oposta ao que chamam de *juntidade* das relações fechadas, a liberdade, não necessariamente sexual, mas a doação ao parceiro(a), da independência psíquica que

possibilite a expressão espontânea de sua personalidade, contrariamente à exclusão de si em prol do desejo comum, ou sempre do outro. Em outras palavras, é essencial não se sentir tolhido pelo outro. Os autores acusam o contrato social, ou seja, as regras do casamento fechado como uma das principais causas do divórcio, por um cônjuge defender ideais impossíveis de serem alcançados. O que, acrescentemos, atualiza a própria idealização impossível originada da fantasia infantil.

No modelo de relacionamento objeto de nosso estudo, o *swing*, pudemos perceber que a satisfação do casal quanto à relação conjugal apresentaria eventual melhora. Atribuímos tal satisfação à possibilidade de realizar o alívio da tensão pulsional de forma intensa, a qual acaba por compensar, em grande medida, alguma insatisfação que exista quanto a doar ao outro o que é imaginado, mesmo que inconscientemente, como objeto de posse. Em termos psicanalíticos: há um ganho secundário que supera a economia do sofrimento.

Diante do que pusemos em discussão, podemos ainda concluir que: não há um modo de identificar rápida e objetivamente quem tem ou não condições de aderir ao estilo de vida *swinger*, visto que a sustentação do relacionamento dependerá de questões subjetivas que permeiam o inconsciente e provavelmente só se tornam perceptíveis em processo de análise, de modo que a descoberta se dará na própria tentativa de aceder progressivamente na *escala de Dionísio*, ou pela eventual passagem ao ato, muitas vezes facilitada pela desinibição provocada pelo álcool, drogas, ou mesmo pelo sentimento de integração grupal numa casa de *swing*, o qual exerce uma espécie de influência quase hipnótica propiciando a desinibição em prol da vivência grupal, como a psicanálise afirma ocorrer na dinâmica de todo grupo (FREUD, 1921).

Outra constatação a que chegamos consiste na existência de ciúme na troca de casais, fazendo-se presente, no entanto, de modo diferenciado ao convencional, sendo a dissociação entre amor e sexo, tornada possível pela estrutura clínica à qual pertence e à respectiva organização mental, responsável por permitir a instauração de um relacionamento sexual aberto, restringindo-se o conceito de fidelidade ao sentimento e às situações ou gestos compreendidos como afetivos e emocionais, esses últimos quais são restringidos de modo particular pertinente à subjetividade de cada casal.

Por fim, acreditamos ter conseguido elucidar as questões a que nos propusemos sobre o ciúme e *swing*, reconhecendo, contudo, a importância de pesquisas transversais a fim de tornar mais claro o processo de envolvimento de cada cônjuge no estilo de vida *swinger*,

dando continuidade à pesquisa principalmente com aqueles que, por algum motivo, cessaram seu envolvimento com a prática da troca de casais. Tais estudos nos ajudariam a compreender melhor o que pesa mais nas relações *swingers*, de modo a fazer com que pessoas que defendiam sua prática passem a não recomendá-la. Esse tipo de questão é bastante difícil de ser elucidada pela pouca motivação das pessoas em partilhar sobre situações de sofrimento, ainda mais quando se trata de questões que envolvam supostos danos à moralidade com a reprovação social.

REFERÊNCIAS

- AMP - Associação Mundial de Psicanálise. **Como terminam as análises**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- BARASH, David P.; LIPTON, Judith Eve. **O mito da monogamia**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BÉRTOLO, Sónia R. **A relevância da prática do swing na conjugalidade de um casal: Estudo de caso**. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2009.
- BLANC, Claudio. **Uma breve história do sexo: fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidade mais interessantes de todas as eras**. São Paulo: Gaia, 2010.
- BLÉVIS, Marcianne. **O ciúme – delícias e tormentos**. São Paulo: Martins, 2009.
- BUSS, David M. **A paixão perigosa: porque o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- DOR, Joel. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Livraria taurus – timbre editores, 1991.
- FERNANDES, Edward M. **The swingers paradigm: na evaluation of the marital and sexual satisfaction of swingers**. Union Institute and University, Cincinnati, Ohio. 2009.
- FREUD, Sigmund (1920). **Além do princípio do prazer**. In: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII.
- FREUD, Sigmund (1926). **Contribuições à psicologia do amor I**. In: Cinco Lições, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XI.
- FREUD, Sigmund (1926). **Inibições, sintomas e ansiedade**. In: Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos (1925~1926). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XX.

FREUD, Sigmund (1923). **O ego e o id**. In: O ego e o id e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia de grupo e a análise do ego**. In: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII.

FREUD, Sigmund (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1912-13). **Totem e tabu**. In: Totem e tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 2º ed. São Paulo: Editora da universidade paulista, 1993.

O'NEIL, Nena & George. **Casamento aberto**. Rio de Janeiro: Artenova s.a., 1973.

PASINI, Willy. **Amores infiéis: psicologia da traição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PASINI, Willy. **Ciúme: a outra face do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PEREL, Esther. **Sexo no cativeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANTOS, Eduardo F. **Ciúme: o medo da perda**. São Paulo: Claridade, 2003.

WEID, Olívia V. D. **Swing, o adultério consentido**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 789-810, set./dez. 2010.

WEID, Olívia V. D. **Gênero, corpo e sexualidade: um estudo antropológico sobre a troca de casais**. Revista Ártemis, v. 5, p. 1-15, 2006.